

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Vini volta ao Real Madrid

A temporada, enfim, começou para Vinicius Junior. O brasileiro se reapresentou ao CT de Valdebebas, ontem, e iniciou as primeiras atividades no Real Madrid, agora sob a gestão do técnico José Mourinho. O atleta foi submetido a exames médicos e intercalou trabalhos físicos e atividade com bola. Na mira do Arsenal, o brasileiro tem futuro indefinido. O próprio técnico Mikel Arteta resolveu encabeçar a operação de tirá-lo da Espanha, prometendo status de protagonista no novo clube.

Carlos Eduardo/CB/DA Press

FUTEBOL CANDANGO Há 30 anos, o Guará derrotava o Gama para conquistar o único Candangão da história; três décadas depois, o Lobo da Colina desapareceu do futebol e o Cave, palco da decisão, permanece abandonado desde 2013



Jogadores do Guará posam antes de partida contra o Gama: taça antecipou o abismo enfrentado pelo time anos depois

O campeão que o tempo levou

DANILO QUEIROZ

Há títulos destinados a inaugurar dinastias. Outros permanecem como o capítulo mais bonito de uma história curta. No caso do Guará, o 4 de agosto de 1996 parecia marcar o início, mas se transformou em uma memória nostálgica. Naquela tarde de domingo, diante de 2,6 mil torcedores no Estádio do Cave, o Lobo da Colina derrotou o Gama, por 3 x 1, conquistou pela única vez o Campeonato Candango e alcançou o ponto mais alto da trajetória do time. O futuro, porém, seguiu outro roteiro. Trinta anos depois, nem o campeão nem o palco da conquista vivem os dias imaginados naquela comemoração.

Fundado em 1957, o Clube de Regatas Guará nasceu quando Brasília era apenas um canteiro de obras. Coube ao Lobo da Colina inaugurar, também, uma parte da história do futebol local. O clube participou da primeira edição do Campeonato Candango, em 1959, atravessou diferentes gerações e ajudou a consolidar o esporte na nova cidade.

Marcado com a sina de azarão devido a sete vice-campeonatos, a oportunidade de mudar o enredo surgiu em 1996. O Candangão reuniu 14 equipes e apresentou uma regra curiosa para

estimular o futebol ofensivo: empates com gols valiam dois pontos. O Guará terminou a primeira fase em sétimo. Foram cinco vitórias, sete igualdades e uma única derrota. A classificação parecia discreta. O campeão surgiu, justamente, quando a margem para erros desapareceu.

Na segunda fase, o Lobo terminou na liderança do Grupo A, com quatro vitórias e dois empates. Depois, eliminou o Luziânia. Restava apenas o favorito Gama, responsável pela melhor campanha da competição e pela única derrota sofrida pelo Guará. O primeiro duelo reafirmou o equilíbrio como marca da final. No Bezerrão, Missinho anotou o único gol da partida. O título seria decidido uma semana depois, em um Cave majoritariamente tomado pelos guarãesenses.

A tarde de 4 de agosto, porém, começou da pior maneira possível. Edinho cabeceou na trave e Anderson aproveitou o rebote para colocar o Gama em vantagem, mas bastaram poucos minutos para o Guará reagir. Rogério aproveitou bola levantada na área e empatou. Depois, tabelou com Éder Antunes e virou o placar. O golpe definitivo veio em cobrança de falta de Flávio. Júlio César percebeu o goleiro Cássio adiantado e, de cabeça, fechou

Campanha do título	
23	jogos
12	vitórias
10	empates
1	derrota
35	gols marcados
19	gols sofridos
76,8%	de aproveitamento

o placar em 3 x 1. Pela primeira vez, o Guará era campeão do Distrito Federal.

Mesmo contando com Éder Aleixo, atacante ídolo do Atlético-MG e presente na Copa do Mundo de 1982, a taça refletia uma campanha construída sem depender de um único protagonista. O técnico Déo de Carvalho comandou a equipe do primeiro ao último compromisso. Ao longo dos 23 jogos, utilizou 31 atletas. Nenhum participou de todas as partidas. Marco Antônio e Éder Antunes lideraram a lista, com 21 atuações cada. Zinha apareceu logo atrás, com 20. O artilheiro Éder Antunes transformou-se em uma das referências daquele elenco responsável por encerrar uma espera de 39 anos. Muito além de um campeão improvável, tornou-se um campeão difícil de ser derrotado. A regularidade acabou se transformando na principal marca daquela equipe.

O último capítulo

Composto por José Wilson Costa Dias, responsável por musicar a maior parte da história dos clubes do Distrito Federal, o hino do Guará premeditou o destino do clube sem querer: “*Sua história é curta para contar, mas suas glórias encantam aos mil*”, diz um dos versos. Na sequência, promete: “*Meu amor eterno e plenamente/Eu quero lhe ver jogando, meu lobo querido*”. Três décadas depois, as palavras continuam vivas. O futebol seguiu outro caminho.

A última participação do Guará na elite ocorreu em 2006. Rebaixado, o clube jamais conseguiu retornar. Vieram campanhas discretas na Segundinha até a despedida do futebol, em 2016. Três anos depois, sem disputar competições promovidas pela Federação de Futebol do Distrito Federal (FFDF) por três temporadas e sem manter diretoria ou conselho fiscal, acabou desfilado. O fim é justificado nas dívidas. Impostos, ações trabalhistas e tributos minaram a continuidade das atividades.

“O clube fechou por falta de interesse, de capacidade. É muito triste. A maioria tinha interesses pessoais, tentava conseguir algum benefício próprio. Vários queriam ser políticos ou outra coisa. Para o futebol, poucas pessoas

trabalharam pelo Guará”, lamentou Wander Abdala, presidente do clube entre 1988 e 1991, ao UOL, em 2021.

O Cave também viu o tempo mudar de lado. A última partida ocorreu em 2013. Na sequência, o estádio foi fechado com a promessa de receber obras para servir como centro de treinamento durante a Copa do Mundo de 2014. O projeto nunca saiu do papel. Parte da estrutura foi demolida em 2016 e o complexo permaneceu abandonado desde então. Hoje, o futuro passa por outro caminho. Enquanto agoniza à espera dos próximos passos burocráticos, o estádio continua sem receber partidas.

Existe uma ironia impossível de ignorar. O primeiro clube criado em Brasília alcançou o maior feito justamente no estádio símbolo da identidade da cidade do Guará. Trinta anos depois, ambos aguardam um recomeço distante no horizonte. Um desapareceu das competições. O outro espera voltar a receber futebol. Restaram fotografias, recortes de jornais, um hino prometendo amor eterno e a lembrança de uma tarde no qual o Lobo da Colina fez o Cave rugir mais alto do que nunca. O aniversário de um campeão costuma ser motivo de festa. No Guará, tornou-se somente um exercício de memória.

Os campeões de 1996 sob o comando de Déo de Carvalho

P	NOME	JD	GM
G	Cláudio	18	0
G	Pereira	4	0
G	Anderson	1	0
D	Zinha	20	2
D	Gilson	19	1
D	Elson	19	0
D	Márcio Franco	16	1
D	Carlos Eduardo	12	0
D	Nilton	5	0
D	Thiago	4	0
D	Alex	3	0

P	NOME	JD	GM
D	Claudinelli	3	0
MC	Marco Antônio	21	0
MC	Júlio César	19	3
MC	Rogerinho	18	2
MC	Wagner	11	1
MC	Marquinhos Brazlândia	10	0
MC	Luiz Fábio	10	2
MC	Jefferson Santos	8	0
MC	Paulo Lima	5	0
MC	Rodrigo	2	2



P	NOME	JD	GM
MC	Thompson	2	0
A	Éder Antunes	21	9
A	Raildo	14	0
A	Éder Aleixo	12	1
A	Missinho	10	7
A	Edi Carlos	10	2
A	Jairo	7	1
A	Aelson	6	1
A	Fábio Gaúcho	6	0
A	Rondinelli	1	0

Legenda

P: Posição

JD: Jogos disputados

GM: Gols marcados

G: Goleiro

D: Defensor

MC: Meio-campo

A: Atacante

***Dados:** Almanaque do Futebol Brasileiro, assinado pelo historiador José Ricardo Almeida